

LEITURA LITERÁRIA NOS *BOOKSTAGRANS*: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Literary reading at *Bookstagrans*: a Discursive perspective

Natália de Lima Ferreira Papais

Discente do curso de Letras- Português Licenciatura vinculada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento da noção de leitura nos *bookstagrans*, perfis do *Instagram* que se dedicam a compartilhar os registros das leituras com seus seguidores. Com base na Análise do Discurso francesa, principalmente em Pêcheux (1995, 1983) e Orlandi (1999, 2000), analisamos a leitura literária em ambientes digitais nas materialidades selecionadas. A partir de recortes de postagens dos perfis “Dylan Ferraz” e “Li Tomando Chá” no *Instagram*, pudemos observar como as noções de leitura funcionam de maneiras diversas, seja por meio da identificação com as narrativas e temas sociais das obras apresentadas, seja ao se tensionar com as exigências de uma lógica capitalista que visa a leitura enquanto consumo de artefatos literários, em uma perspectiva utilitária da leitura.

Palavras-chave: análise do discurso; *Instagram*; leitura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the functioning of the notions of reading in *bookstagrans*, *Instagram* profiles dedicated to sharing reading records with their followers. Based on French Discourse Analysis, mainly in Pêcheux (1995, 1983) and Orlandi (1999, 2000), we analyze literary reading in digital environments, as well as the positioning of the subject-reader in the selected materialities. From clippings of posts from the profiles “Dylan Ferraz” and “Li Tomando Chá” on *Instagram*, we could observe how the notions of reading works in different ways, either through identification with the narratives and social themes of the works presented, or by tensioning with the demands of a capitalist logic that aims at reading as a consumption of literary artifacts, in a utilitarian perspective of reading.

Key words: Discourse Analysis; *Instagram*; reading.

1. PARA COMEÇAR

A leitura, embora tenha o seu local de prestígio na sociedade, muitas vezes é encarada como privilégio de uma classe específica, e isso por uma série de razões, como a dificuldade de acesso aos livros, em seus formatos físicos ou digitais, e o obstáculo, por parte do leitor, de encontrar um gênero literário que o agrade. A

circulação da imagem de um leitor socialmente cristalizada em nosso imaginário, como alguém culto e que consome (apenas) a literatura do cânone, parece fazer com que outros propensos leitores imaginem não se enquadrar nesse padrão. Entretanto, uma vez que eles têm contato com outros que se encontram na mesma situação, esse imaginário começa a ser desconstruído, possibilitando a emergência de outros perfis de leitores. Como consideram Machado e Silveira (2020), uma tendência da literatura juvenil contemporânea é alterar exatamente essa percepção do leitor jovem: ao invés de estranho e solitário, é aquele que busca novas experiências e emoções, que se identifica cada vez mais com as transformações sofridas pelos livros, os quais se aproximam dos videogames, têm sua divulgação similar aos trailers cinematográficos e ganham cada vez mais novas adaptações em outros elementos culturais, como filmes e séries.

Não apenas a figura do leitor é muitas vezes cristalizada, mas também os sentidos, que são fixados por críticos que estipulam aquilo que é desejado (em uma noção de prestígio social) para a leitura de um livro. Como considera Orlandi (2012), o professor e professora, em seu exercício profissional em um viés tradicional, adota como modelo a leitura estabelecida não apenas pelo crítico, mas também aquela fornecida pelo livro didático, sendo ele a autoridade imediata para a leitura “correta” por parte dos alunos. É o mecanismo histórico da sedimentação de sentidos que propicia essa cristalização dos sentidos, pois produz a institucionalização do sentido dominante que se segue à legitimação, fixando-o como central, oficial, literal.

É nesse momento que entram em evidência as relações de força existentes na sociedade, sendo, como considera a autora, o(s) sentido(s) determinado(s) pelas posições que os sujeitos ocupam e, mais do que isso, parte constitutiva do processo de significação, reflexos do jogo de poder da/na linguagem. Pensando sobre os propósitos ou objetivos das leituras, discute-se amplamente hoje que, para além de ser apenas uma forma de entretenimento, a leitura pode ser também um exercício de empatia, proporcionando ao sujeito leitor outras compreensões sobre si, os outros, o mundo. De acordo com Orlandi (2000, p.11), a leitura é um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler: “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o que o constitui significativamente.”

A internet, atualmente, desempenha um papel de grande relevância nos processos de interação dos sujeitos com os outros, com a língua e com as práticas

de leitura. É assim que as redes sociais, em especial a intitulada *Instagram*, podem funcionar como espaço digital de aproximação desses vários sujeitos em torno de uma perspectiva em comum. Com base em Pêcheux (1995), consideramos o sujeito como aquele indivíduo que é consequência do funcionamento da ideologia sobre si e que, por isso, está inserido em uma determinada formação social. Esse aspecto, por sua vez, é responsável por possibilitar a identificação desse sujeito com algum grupo social ligado aos mesmos fatores espaciais, históricos, geográficos ou culturais que agrupam indivíduos com as mesmas identificações. Visto que tal sensação de pertencimento se transforma em discursos, inclusive no meio digital, como o *Instagram*, não é possível pensar em um sujeito que esteja separado desse processo, uma vez que, como aponta Wanderley (2020), essa identificação à determinada formação discursiva (FD) é imprescindível para que o indivíduo se torne sujeito.

Como considera Indursky (2005), as formações discursivas não são homogêneas, mas sim heterogêneas e logicamente estáveis, e, por isso, amparada em Pêcheux (1995), há de se pensar em modalidades de tomada de posição, uma vez que é necessário pensar em efeitos de fechamento das formações discursivas, e não em um fechamento exato. Se as ideologias se constroem a partir da relação entre sujeito, história e linguagem, elementos em constante transformação, e é difícil pensar em uma cristalização das ideologias, quanto mais o seria fazê-lo com as formações discursivas e os posicionamentos dos sujeitos.

A interpelação do indivíduo em sujeito está relacionada diretamente com as condições de produção no e pelo espaço digital que, mesmo com suas peculiaridades, mobiliza também os sujeitos e as ideologias, como forma de conectar e aproximar aqueles que se identificam com uma dada formação discursiva. Os discursos então produzidos nesse contexto se materializam principalmente nos *posts* do *feed* e nas outras discursividades do/no *Instagram* - que emergem *IGTV's*, *Stories*, *Reels*, entre outros. Uma vez interpelado pela ideologia, o sujeito passa a se individualizar e se posicionar na sociedade, o que acontece ao se identificar ou não com os conteúdos postados. Ainda assim, como analisam Grigoletto e Galli (2021), especialmente sobre a adesão ou não às *hashtags*, é válido pontuar que não necessariamente um grande número de curtidas e comentários é sinônimo de identificação, mas sim de um movimento de aderência, no qual “[...] vai se produzindo um efeito de esvaziamento dos sentidos

pré-construídos, os quais poderiam dar sustentação às identificações ideológicas e à atualização da memória, fazendo com que o próprio movimento de (des)identificação dos sujeitos-usuário se torne difuso.” (GRIGOLETTO, GALLI, 2021, p. 250).

Pensar, então, a tecnologia digital é, conforme aponta Dias (2018), pensar como tal significante funciona na sociedade contemporânea, tendo sempre em vista as relações construídas entre língua, sujeito e história. Para Orlandi (2001), os discursos pré-digitais são compostos em três momentos de produção (constituição, formulação e circulação), sendo que o digital, enquanto condição de produção do discurso, modifica a relação e ordem entre tais momentos, ao passo que é através da circulação que o discurso digital se constitui e se formula.

As relações entre sujeitos, discursos e ideologias e as condições de produção dos discursos, especialmente os digitais, suscitam algumas questões que norteiam os objetivos deste trabalho: como é possível que o professor e professora possam estimular ainda mais o hábito da leitura em seus alunos, considerando que grande parte deles está imerso nos ambientes digitais? Como é possível fazer o elo entre escola e redes sociais para incentivar a formação de novos leitores? Quais as noções de leitura em funcionamento nos/pelos *bookstagrams*? Como essas questões perpassam as escolhas dos livros, o posicionamento desses sujeitos pelas suas postagens, entre outros aspectos? De que modo essas novas relações que surgem ressignificam as práticas de leitura? Mais do que isso, como é possível, a partir de perfis no *Instagram*, estimular e refletir sobre a leitura com os alunos da Educação Básica, aproximando-os da literatura de forma mais contextualizada ao seu ambiente, vontades e desejos? Esse último questionamento muito nos interessa, especialmente ao ter, neste trabalho, a preocupação em como as reflexões teóricas podem ultrapassar os muros da universidade e impactar uma prática docente que vise à formação de sujeitos críticos e criativos em sua comunidade.

Dessa forma, elencamos como objetivos específicos: (i) investigar como são discursivizadas as noções de leitura nos perfis selecionados no/do *Instagram* e (ii) refletir sobre possibilidades de aproximar os alunos de uma prática leitora que tenha relação com seu contexto sócio-cultural.

Assim, selecionamos os *bookstagrams*, perfis do *Instagram* que compartilham suas leituras, por considerarmos que essa rede social está entre as cinco mais

utilizadas no mundo, sendo uma das que mais é possível perceber como as relações entre leitores e leitura são construídos. Como aponta Wanderley (2020, p.16), a internet é uma “[...] instituição social digital afetada pela ideologia [...]”, o que implica dizer que, a todo momento, discursos, especificamente sobre as práticas de leitura, são mobilizados. Filiamo-nos, portanto, à Análise do Discurso (AD) pecheuxtiana para entender de que maneira tal prática de linguagem é perpassada pela ideologia e como as concepções de leitura são discursivizadas nos ambientes digitais.

2. “CONDENADOS A USAR A LINGUAGEM PARA FALAR DA LINGUAGEM”¹

Em um contexto no qual o formalismo e o estruturalismo, especialmente Saussure com seu *Curso de Linguística Geral* [1916], pensam a língua(gem) a partir de uma lógica positivista, é iconoclasta refletir de que maneira as “estruturas externas” poderiam também “interferir” nas “estruturas internas” dos sistemas linguísticos. É assim que Michel Pêcheux, com *Análise Automática do Discurso* [1969], instaura um novo panorama teórico, a Análise do Discurso, na qual ligam-se três áreas de estudos sociais, a Psicanálise, o Marxismo e a Linguística, a fim de analisar as relações construídas entre indivíduo, sociedade e língua(gem). Dessa forma, tornam-se caros à tal perspectiva alguns conceitos fundamentais: sujeito, ideologia e discurso.

O sujeito é aquele indivíduo sujeito à língua e à história já que, como Orlandi (1999) aponta, essa é a condição necessária para a fala, para a produção de sentidos. Mesmo ocupando esse espaço, o sujeito não tem acesso ao modo como o faz, uma vez que não é possível recuperar diretamente o interdiscurso que permeia esse *locus*. Isso tem relação direta com a ideologia, uma vez que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (ORLANDI, 1999, p.17).

A ideologia comparece, assim, como condição fundamental para as construções de sentido, no momento em que contribui também para os movimentos de interpretação, aspecto essencial para a metodologia da AD. É ao compreender as noções de sujeito e ideologia que conseguimos compreender a formação

¹ O título que nomeia esse tópico é de Orlandi (2012).

discursiva e o seu papel nas relações de sentido, uma vez que, em uma dada situação sócio-histórica, determina-se o que pode e deve ser dito. Do mesmo jeito que o conceito de sujeito, a FD não é algo possível de ser acessado externamente, e, como a ideologia, não é algo fixo e estagnado, mas que é composto por fronteiras fluidas, sempre em contínua modificação pelos interdiscursos, que, como Orlandi (2020, p.31) expõe, é “ [...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, ou seja, trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, possibilitando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma FD, inscrevendo-se, portanto, no nível de constituição do discurso.

Considerando a emergência dos interdiscursos e, conseqüentemente, ideologias que permeiam não apenas as sociedades, mas as práticas de linguagem, é importante notar que existem relações de forças nesse processo. Tais relações são hierarquizadas e sustentadas com base nas diferentes formações discursivas, que impõe sobre outras as suas considerações. A noção de formação discursiva é compreendida como as condições sócio-históricas em uma dada conjuntura que determina o que pode e deve ser dito. Como Orlandi (1999) aborda, esse aspecto é essencial para a compreensão dos discursos, pois permite observar pelo menos três aspectos diferentes: o processo de produção de sentidos, a relação do discurso com a ideologia e a determinação de regularidades no funcionamento discursivo, o que é essencial para a análise.

É interessante destacar, também, que a relação sujeito-linguagem-mundo e tecnologia afeta a própria relação homem-máquina, já que, segundo Dias (2018), ao nascer, o próprio indivíduo já nasce afetado pela relação com a máquina. Com isso, o processo de interpelação do indivíduo em sujeito e o processo de individualização do sujeito, no qual ele passa a se identificar e se posicionar na sociedade e, conseqüentemente, a sua inscrição em determinadas formações discursivas, também são impactados, afinal, tais relações e produções de sentidos são resultado de processos históricos-discursivos complexos mediados pela linguagem e interpretação.

Ao nos alinharmos à AD, tomamos como pressuposto o fato de o discurso ser a prática da linguagem, ou, como Orlandi (1999) aborda, a palavra em movimento, o momento no qual é possível perceber o homem falar. É por isso que, para o recorte básico para tal perspectiva, abordamos os processos de constituição dos

fenômenos linguísticos e não apenas o seu produto, o que nos faz levar em consideração as condições de produção do discurso em um contexto circunscrito a nossa época, grupo e experiência social. Ao considerar a linguagem como intermediação entre o indivíduo e a realidade natural e social, tal perspectiva filia-se também a uma concepção de língua que vai de encontro às concepções formais e estruturais de língua, já que entende

a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. [...] considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. (ORLANDI, 1999, p.16)

Uma vez, então, que a sociedade e as condições de produção são consideradas nessa interação, passa-se a perceber de que maneira são construídas as relações entre língua-discurso-ideologia, ou seja, como e quais são as relações entre o sujeito e a ideologia e como elas perpassam os discursos. A linguagem passa a ser uma prática simbólica e transformadora.

Pensando então nas práticas sociais que são construídas através da linguagem, focamos agora na leitura que, como expõe Orlandi (2012), pode ter várias acepções. A primeira delas e mais ampla é aquela compreendida como atribuição de sentidos, seja considerando as modalidades escrita ou falada da língua. A segunda, restrita ao acadêmico, é a “[...] construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto [...]” (ORLANDI, 2012, p. 7), enquanto que a terceira, ainda mais restrita e ligada ao contexto escolar, é aquela vinculada à alfabetização e com caráter de estrita aprendizagem formal.

Não apenas a concepção de leitura muda, mas também a relação entre sujeito e texto, que é localizada temporal e socialmente. Aqui não nos interessa fazer uma revisão exaustiva sobre tais relações, mas sim apresentar de que formas as condições sociais impactam nas compreensões de leitura ao longo do tempo. Orlandi (2012) expõe que, durante a Idade Média, até o século XII, texto era o livro do evangelho, sendo que, a partir do século XIII, tal sentido modifica-se um pouco e perde seu caráter sagrado para ter um mais amplo, dividindo-se então, em textos autênticos (sagrados) e comentários (profanos). Dessa forma, observamos um processo de assujeitamento do sujeito à religião, uma vez que os exercícios

religiosos/pedagógicos medievais davam ao indivíduo os significados do texto, em uma interpretação única fornecida pelo sacerdote que não poderia ser reivindicada ou transformada.

Porém, com o tempo, houve a mudança do sujeito religioso ao sujeito jurídico, no qual a subordinação deixa de ser a Deus e passa a ser ao capitalismo, ainda que de maneira menos explícita. Esse sujeito de direito acredita-se mais livre e não determinado às suas escolhas, o que gera uma ambiguidade interna ao próprio sujeito moderno, que é submisso ao formalismo jurídico ao mesmo tempo que autônomo e responsável por si, ou seja, as diferentes formas de poder propiciam as diferentes individualidades, conforme Foucault (1977). Ambiguamente, então, “[...] há uma espécie de imposição exercida de fora para que ele atribua vários (mas apenas alguns) sentidos e não outros.” (ORLANDI, 2012, p. 67), efeitos que são observados no sujeito-leitor que se relaciona com as instituições.

É dessa forma então que passamos a considerar a leitura sob uma ótica discursiva, uma vez que esse processo acontece por meio de um jogo interacional que é produzido em condições sócio-históricas determinadas e que devem ser levadas em consideração nas construções de sentidos. Esse jogo², como Orlandi (2012) aponta, é uma relação de confronto entre o leitor virtual, constituído no ato da escrita, o leitor real, aquele que lê o texto, o autor, outros textos, o seu referente e, por se dar entre sujeitos, são também relações sociais e históricas, porque mediadas pelos objetos. Assim, a leitura torna-se

[...] o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo.” (ORLANDI, 2012, p. 11)

Com isso, deixa-se de acreditar em um autor onipotente, que controla todos os significados do texto, a transparência do texto, que já dá os sentidos apenas a serem descobertos e um leitor onisciente, que domina todas as determinações de sentidos que existem nos processos de leitura. Ao contrário, torna-se fundamental

² A referência ao jogo muito nos lembrou “*O jogo do texto*”, de Wolfgang Iser, no qual o autor expõem os níveis de relações que ocorrem simultaneamente no texto: extratextual (autor-mundo), intratextual (mundo-texto) e entre texto e leitor. O autor considera que as diferenças entre tais níveis e as diferentes estratégias de jogo produzem diferentes jogos e leituras possíveis, porém, por se tratar de um texto que tem como foco a teoria literária, trazemos a referência apenas como uma interessante indicação de leitura.

refletir sobre os seguintes aspectos: a leitura enquanto processo de produção de sentidos; a especificidade e história do sujeito-leitor; a determinação histórica e ideológica dos sujeitos e dos sentidos; os múltiplos e variados modos de leitura e a noção de que nossa vida intelectual é diretamente relacionada com os modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social.

Dessa forma, se a leitura é produzida em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado, é importante considerar que o leitor, enquanto participante do processo de produção de sentidos, não é a origem do discurso, mas sim da unidade e coerência, ao assumir a sua função e posição social. Observamos isso ao considerar as três relações do sujeito com a significação: o inteligível, atribuição de sentidos equivalente à codificação; o interpretável: atribuição de sentidos levando em consideração o contexto linguístico, relacionado à coesão; e o compreensível: atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, relacionado à enunciação. Assim, se um sujeito atua como um intérprete, ele reflete sua posição de leitor, apenas reproduzindo o que já está produzido, ao passo que, se ele é capaz de desconstruir a relação enunciação-enunciado/formulação-constituição do sentido e se relacionar criticamente com a cultura, a história, o social e a linguagem, ele chega à compreensão. Como Orlandi (2012, p. 157) considera: “O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende.”

Não deveria ser esse o objetivo de nosso trabalho com a leitura com os alunos e alunas?

3. ORGANIZAR PARA ANALISAR

Como Orlandi (1999, p. 27) aponta, “[...] a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de ‘seu’ dispositivo analítico [...]”. Por isso, ao propormos uma pesquisa de descrição e análise de discursos selecionados de perfis de uma rede social (o *Instagram*), nos baseamos em uma metodologia qualitativa e interpretativa.

Dessa forma, houve uma série de etapas que precisaram ser executadas para responder aos nossos questionamentos, desde a escolha das perguntas, os

objetivos até a metodologia de pesquisa. A execução da pesquisa implicou, então, em uma série de atividades conectadas entre si. Como primeira delas, foi preciso levantar a teoria relacionada aos objetivos propostos; a seguir, iniciar leituras teóricas e produzir fichamentos e resenhas sobre o material lido. Esses arquivos facilitaram o momento posterior de análise das materialidades selecionadas.

Concomitantemente à fundamentação teórica, iniciamos a seleção do *corpora* de análise³. Para selecionar os perfis do *Instagram* para análise, consultamos a lista dos parceiros selecionados da Editora Intrínseca de 2023. Esses parceiros são produtores de conteúdo que recebem da editora os novos lançamentos e fazem resenhas desses livros em várias plataformas, como *TikTok*, *Instagram* e *Youtube*, além de participarem de eventos da empresa, com o objetivo de divulgar as novidades da editora para seus seguidores. Selecionamos esse método de busca por conter muitos perfis do *Instagram* de *bookstagram*s, páginas que mais contemplavam os nossos objetivos, uma vez que a busca livre pelo *feed* não havia sido muito produtiva, já que ao fazer a busca por perfis ou hashtags, utilizando palavras chaves como “*bookstagram*”, “*leitura*”, “*livros*”, encontramos perfis que não postavam há muito tempo ou não condiziam com os nossos objetivos. É interessante destacar que, inicialmente, seriam apenas 100 perfis selecionados para serem parceiros da Editora, mas, após receber críticas sobre a falta de diversidade racial na seleção, a empresa reviu a lista inicial e contou com um total de 130 parceiros, dos quais 45% são criadores não brancos⁴.

Foi a partir dessa listagem final que selecionamos os perfis para análise, seguindo alguns critérios: (i) ser, obrigatoriamente, uma página aberta no Instagram; (ii): preferencialmente, ser um perfil que indicasse gêneros literários variados; (iii) preferencialmente, ser um perfil que postasse as resenhas das obras lidas e (iv) a última publicação ter data de, no mínimo, uma semana, a fim de evitar que trabalhássemos com perfis que estivessem parados ou não fossem muito frequentes em suas publicações. Uma vez selecionados os perfis, estabelecemos os seguintes critérios para a seleção das materialidades a serem analisadas: (i)

³ No projeto, pensamos em analisar o perfil do Instagram do Clube do Livro do IFPE- *Campus* Recife, mas, visto que a última publicação havia sido em outubro de 2022, consideramos pouco produtivo analisar uma página que não estivesse ativa na plataforma.

⁴ O resultado final e explicações sobre a revisão dos selecionados estão na página da Editora.

Disponível em:

<https://www.intrinseca.com.br/blog/2023/02/resultado-da-selecao-para-o-time-da-intrin-2023/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

serem postagens do *feed*, pois eles costumam ter uma permanência maior na página do que os *stories*, que duram apenas 24 horas, se não forem fixados em um destaque e (ii) tematizarem sobre a leitura de livros literários em seu conteúdo, alinhando-se aos objetivos do trabalho.

Tais critérios foram elencados por se adequarem aos nossos objetivos específicos de investigar as discursividades e noções de leitura que circulam nesse ambiente. Com isso, nossas análises foram encaminhadas a partir dos *posts* dos *bookstagram*s @litomandocha e @dylanferraz, o que se justifica por Wanessa, do primeiro perfil, ser estudante de Letras- Francês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Dylan, do segundo, ser professor de Língua Portuguesa. Mobilizar os perfis de pessoas que trabalham e estudam a nossa língua foi nossa proposta, não apenas por atender aos critérios e objetivos específicos da pesquisa, mas também para refletir se a abordagem sobre leitura tem relações de aproximação e/ou distanciamento no que se refere a privilegiar os clássicos.

Como expõe Orlandi (2012), nossos recortes são textos a partir do momento que funcionam como nossas unidades de análise, mas não como unidades de construção do discurso, uma vez que esses elementos são os discursos. De acordo com Pêcheux (1969), precisamos considerar o texto como discurso enquanto parte de um processo discursivo, no qual podemos observar os efeitos de sentidos entre os locutores e as diferentes posições do sujeito. A AD, por ser uma teoria de interpretação, propõe uma problematização com o texto e com as condições de produção e mecanismos de produção de sentidos que funcionam em dada época.

Uma vez que nosso material de análise é recortado de uma rede social, é importante também compreender como a internet é um espaço de circulação de discursos que contam com suas especificidades próprias. Conforme aborda Dias (2008), os discursos são construídos “pelo” digital e não “no” digital, e, por isso as relações de sentido são diretamente determinadas por esse espaço. Assim, cabe analisar como as relações e as práticas de leitura também são modificadas nessa interação digital.

4. A LEITURA NO *INSTAGRAM*: MOMENTOS DE ANÁLISE

Como expõe Bittencourt (2017, p. 15), as redes sociais não foram criadas com o surgimento da internet, nos idos de 1960, mas sim desde que os seres

humanos começaram a conviver em sociedade. O que aconteceu foi que, especialmente a partir de 2008, com a popularização da internet e desenvolvimento das tecnologias digitais, “[...] essas redes sociais passassem a ser reproduzidas no meio digital, e, por conseguinte, ampliadas. O acesso foi facilitado com a praticidade que os aplicativos de redes e mídias sociais trouxeram [...]”.

É com essa consideração que abordamos a criação do *Instagram*, em que se localizam os *bookstagrans* aqui analisados. Lançado em outubro de 2010 e com mais de 25 mil downloads apenas no dia do lançamento, a rede social criada por Mike Krieger e Kevin Systrom tinha o objetivo de ser uma plataforma para o compartilhamento de fotos entre seus usuários. Criado inicialmente apenas para o sistema operacional iOS, ganhou sua versão para o Android em 2012, quando foi baixado mais de 1 milhão de vezes apenas no primeiro dia. Mudanças tecnológicas foram acontecendo, especialmente após a compra do aplicativo por Mark Zuckerberg em 2012, por aproximadamente um bilhão de dólares, e atualmente o *Instagram* possui recursos bastante diversos, como os *reels*, *story*, chats privados com seus seguidores ou em grupo e até mesmo a possibilidade de fazer ligações de áudio ou vídeo. Atualmente, conta com mais de 2 bilhões de usuários e é a terceira rede social mais utilizada no mundo.

É com tantas possibilidades de comunicação que os *bookstagrans* surgem nessa rede social como um perfil que tem o objetivo de promover a(s) leitura(s), incentivando e estimulando novos leitores. Normalmente criados por apenas uma pessoa, esses perfis comentam e divulgam as leituras realizadas, normalmente com uma curta resenha postada na legenda da foto que, geralmente, é a foto do livro lido. Mas, ainda que sejam conduzidos por apenas um internauta, isso não exclui o fato de, como considera Catanho (2020, p. 31), “[...] transformar a leitura de uma atividade amplamente individual para uma atividade essencialmente social [...]”, uma vez que tais leituras são compartilhadas com toda uma comunidade de outros leitores online. Consideramos que tal compartilhamento aproxima-se mais de uma opinião coloquial que crítica formal e especializada, ainda que existam aqueles perfis que tenham um foco mais tradicional e acadêmico. Seja como for, essas trocas de sugestões de leituras e livros atingem um público numeroso que, mesmo geograficamente separado, compartilha e potencializa seus interesses, como Machado e Silveira (2020) apontam.

Considerando que grande parte dos usuários do *Instagram* é jovem, seja produtor de conteúdo ou leitor, o compartilhamento das leituras na plataforma é uma forma não apenas de achar um gênero literário que mais aprecie, mas também de se identificar com aqueles leitores mais próximos à sua realidade. Como Catanho (2020) discute, esses espaços digitais são verdadeiros locais de embate entre o que as gerações mais antigas acreditam ser o “padrão” de leitura com as práticas de leitura das gerações mais novas:

Os jovens (gerações Y e Z) são continuamente acusados pelas gerações precedentes (boomers e X) por terem vícios a múltiplos estímulos simultâneos, que segundo essas gerações, torna-os incapazes da atenção focada e obstinada que a leitura de grandes livros exige. Alguns jovens sentem a necessidade de desafiar essas acusações, mas a maioria acredita que os jovens são realmente incapazes de ler um grande livro – ouviram tantas vezes ao longo da vida que não eram capazes de ler “como deve ser”, e começaram a interrogar-se: porque devemos sequer tentar? Os poucos que tentam, muitas vezes começam a questionar-se se estão a ler de forma correta, com foco e atenção, com discrição e discernimento. (CATANHO, 2020, p. 39)

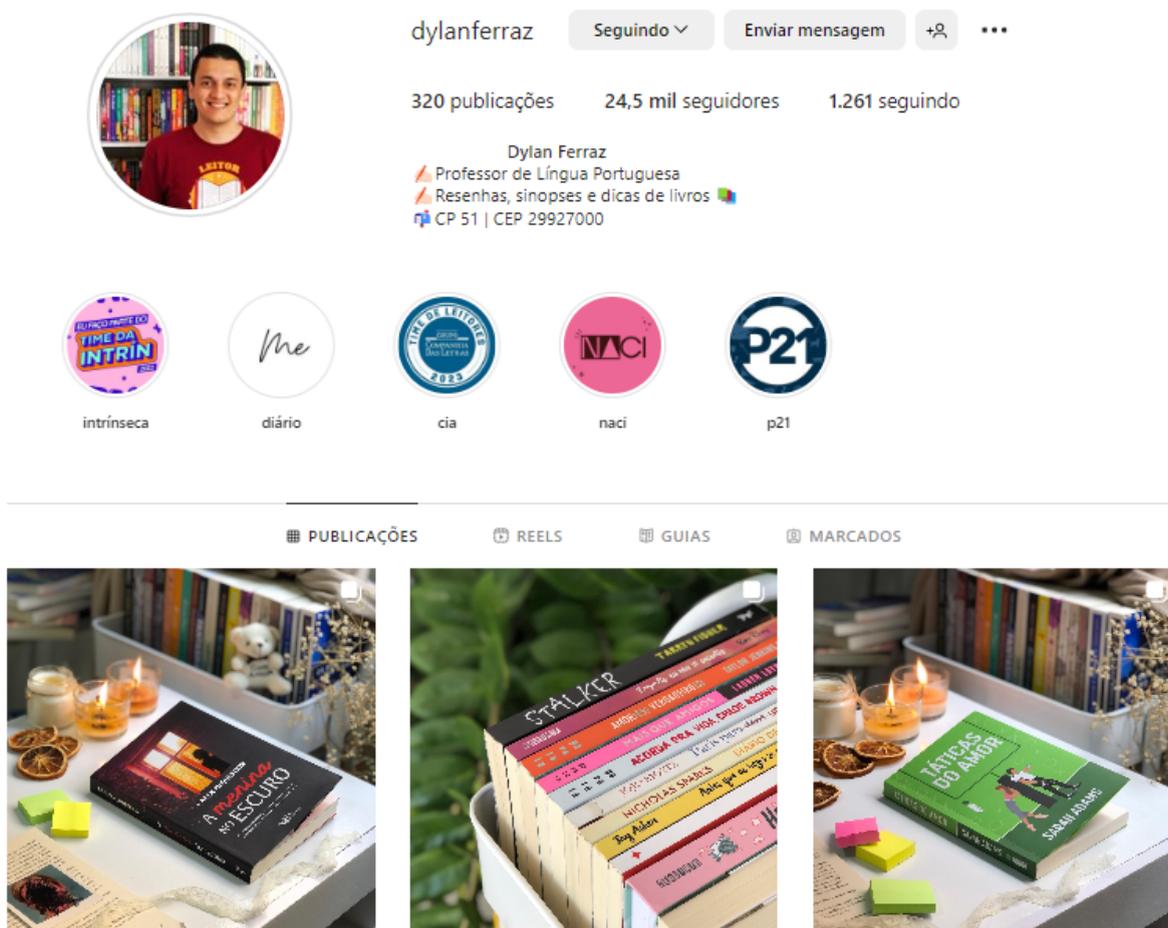
Mais do que isso, os *bookstagram*s também vem modificando a forma como, especialmente a ficção, é comercializada, lida e criticada, algo que vem chamando a atenção das editoras, não apenas como uma estratégia de marketing na divulgação de livros, mas também como forma de prospecção de uma expressiva “fatia do mercado” de potenciais clientes que pouco consumiria seus produtos se não fossem por esses perfis. Dessa forma, as próprias editoras promovem parcerias com os *bookstagramers* para divulgar determinado lançamento e promover ações e eventos culturais do/ no mercado editorial, através de algumas estratégias específicas, como expõe Catanho (2020): *Advanced Review Copy*, livros que ainda não foram lançados e que os *bookstragamers* lerão em primeira mão; *partnerships* de publicidade, no qual o lançamento mais recente da editora é publicado no perfil do *bookstagram*, incentivando a compra e leitura do texto; links filiados, pelos quais o seguidor recebe um desconto na compra de um livro por meio do link indicado pelo *bookstagramer*, que recebe uma porcentagem do valor da compra e os *giveaways*, sorteios em parceria com a editora, sendo que a responsabilidade dos processos de divulgação, seleção e entrega é totalmente do perfil. Exemplo dessas relações entre editoras-*bookstagram*s é o que abordamos na Metodologia, quando expusemos que selecionamos os perfis a partir dos parceiros escolhidos pela Editora Intrínseca.

É com essa breve explicação sobre os *bookstagrans* que iniciamos a descrição dos perfis selecionados e, posteriormente, as análises das postagens.

4.1. As posições-sujeito de Dylan Ferraz

Começamos pelo perfil do Dylan Ferraz, que logo em sua *bio*, espaço do Instagram dedicado à apresentação do perfil, anuncia que é professor de Língua Portuguesa em Sooretama (ES) e posta resenhas, sinopses e dicas de livros. Além disso, anuncia também seu número de CEP e caixa postal, pois é por meio desse número que ele pode receber os exemplares das livrarias e possíveis itens de seus seguidores.

Figura 01 - Print do perfil “Dylan Ferraz”.



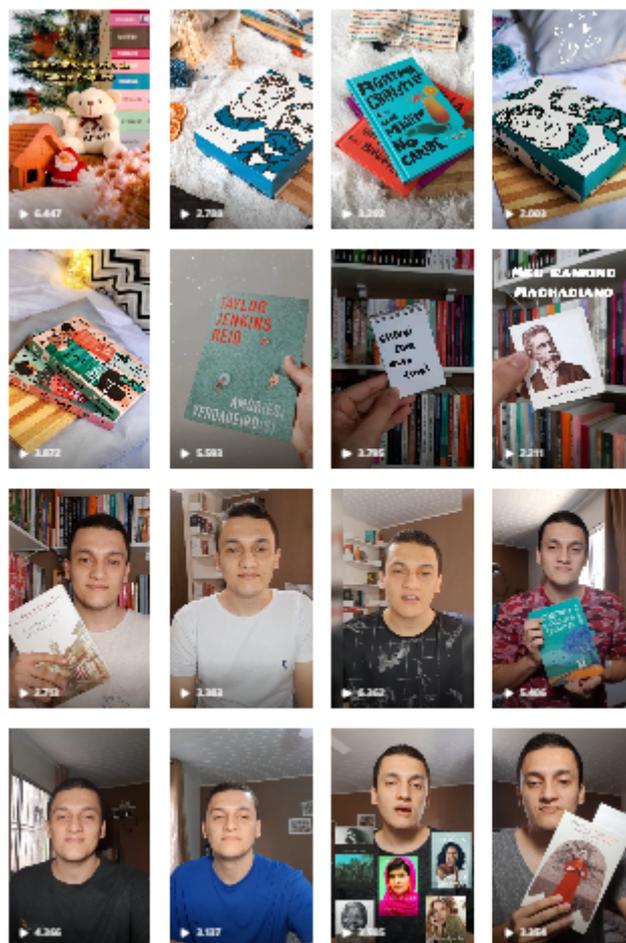
Fonte: Disponível em <https://www.instagram.com/dylanferraz/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Os destaques do perfil, modalidade do *Instagram* que permite que os *storiys* sejam salvos permanentemente ao invés de apenas 24 horas no formato de um

álbum, são divididos entre as editoras-parceiras, como Intrínseca, Companhias da Letras, Plataforma 21 e Naci. No decorrer do *feed*, espaço onde ficam publicadas as postagens, encontramos três tipos mais frequentes de postagens: resenhas dos livros lidos; indicações temáticas de livros (como “10 livros para ler em um dia”, “melhores livros do ano”, “romances preferidos”) e *Reels*, vídeos curtos, com trechos dos livros expostos.

É interessante notar que os *Reels* que datavam de abril a outubro de 2020 apresentavam uma estrutura diferente dos mais recentes, tanto em relação à edição e composição quanto ao conteúdo, pois, ao invés de serem vídeos nos quais os livros eram mostrados, o próprio Dylan aparecia e debatia sobre temas específicos: discussões sobre gêneros literários diferentes, como autobiografia, distopia e sonetos e resumos de livros indicados na lista de leitura obrigatória de alguns vestibulares, como “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles, leitura obrigatória da FUVEST. Provavelmente, tais escolhas foram feitas como estratégia para atrair e manter os seguidores da página, que têm o interesse nos temas por causa dos conteúdos escolares e provas de vestibulares, elementos que, possivelmente, fazem parte do seu cotidiano enquanto professor.

Figura 02 - Print da aba “*Reels*” do perfil “Dylan Ferraz”.

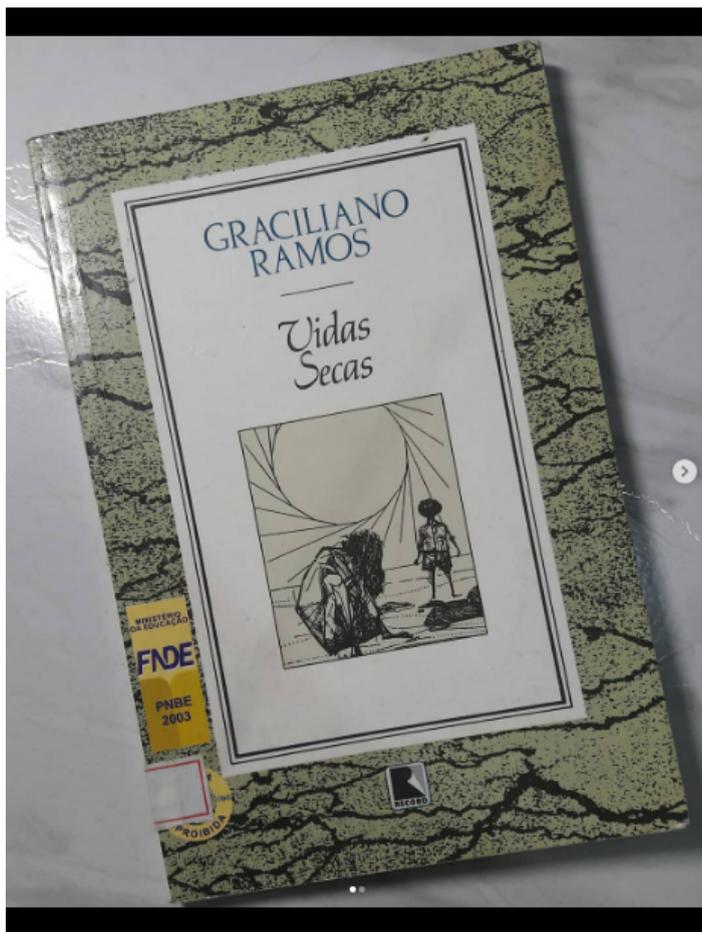


Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/dylanferraz/reels/>. Acesso em 06 de março de 2023.

É interessante notar que essa mudança também acompanhou os gêneros literários postados e resenhados no perfil desde o início até o presente momento. Entre maio⁵ e agosto de 2020, a maior parte das postagens tratavam sobre clássicos da literatura brasileira, como “Vidas Secas”, “Senhora”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “O Cortiço”, “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, “Memórias do Cárcere”, “Dom Casmurro”, “Capitães de Areia”, “Quincas Borba” e “Helena”, sendo que na legenda sempre havia alguma menção, ainda que breve, ao movimento literário ao qual o livro mais se assemelhava. Porém, a partir de agosto de 2020, percebemos uma mudança na escolha das obras, que passaram a focar muito mais na literatura contemporânea, especialmente de língua inglesa.

Figura 03 - Print da primeira publicação sobre “Vidas Secas”.

⁵ Ainda que a primeira publicação do perfil date de maio de 2020, não há como ter certeza que o perfil de fato tenha iniciado neste mês e ano, uma vez que o Instagram permite que os proprietários dos perfis apaguem ou arquivem as publicações, ocultando-as dos leitores.



dylanferraz
Sooretama

dylanferraz Vidas Secas (1938)

Uma viagem marcante na história de vida de Fabiano. Com sua família, vive constantemente com a miséria e a seca do sertão. O romance também é repleto de pequenas alegrias, entretanto, os problemas sociais ocorrem em toda a obra.

-
Graciliano Ramos era sem dúvida bem a frente do seu tempo e expõe críticas significativas e necessárias no livro para a época. A obra pertence à segunda fase modernista e é uma das mais ricas criações do autor.

Eu indico!

#Livro #Leitura #VidasSecas #GracilianoRamos #Literatura #Modernismo

Editado · 146 sem · Ver tradução

fugiparaumlivro Livração!
141 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

— Ver respostas (1)

melodianarrativa Ahh esse livro ❤️👍
141 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

omundodagabih 🍌🍌🍌🍌🍌
142 sem · 1 curtida · Responder

aprender_educ Voltei a ler esses dias 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌 que maravilha
143 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

— Ver sugestões (1)

203 curtidas
MAIO 14, 2020

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAL6SvjBt7I/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Figura 04 - Print da segunda publicação sobre “Vidas Secas”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZsL6KuPEs/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Essa mudança no perfil impactou até mesmo o trabalho com os clássicos, o que notamos em dois *posts* que comentam o livro “Vida Secas”, de Graciliano Ramos. O primeiro, datado de 14 de maio de 2020, consta com um resumo bem objetivo do livro, evidenciando os problemas sociais que são tematizados no livro e que a obra é um exemplar característico da segunda fase modernista. O segundo *post*, datado de 7 fevereiro de 2022, já apresenta uma construção, principalmente da foto, muito diferente. Ao invés de apenas apresentar um resumo da obra, Dylan agora descreve um pouco mais sobre os acontecimentos da narrativa, apresentando alguns personagens e dando com mais detalhes as dificuldades que a família precisou enfrentar ao tentar fugir da seca.

A própria construção da segunda imagem, por exemplo, apresenta uma série de dicas que são fornecidas ao leitor e que “combinam” com a temática da resenha: o tom sóbrio, em tons terrosos, ainda que esteja presente nas demais publicações do perfil, também em uma preocupação estética com o *feed*, nos remete à difícil trajetória narrada na obra, bem como a casa de argila na foto remete ao leitor (da

resenha e do livro) a busca que a família enfrenta para encontrar um lar que atenda às suas necessidades e desejos. Ademais, a presença de outra edição do livro no canto inferior direito da imagem também nos indica que o livro foi lido em diferentes versões, sendo que foi a versão lida no primeiro *post* sobre a obra.

Pensar na composição das imagens e nas memórias que elas retomam sobre a leitura é fundamental para nossos gestos de interpretação. Nas Figuras 03 e 04, observamos a centralidade que o livro, associado aos outros elementos, pode nos remeter a uma imagem de romantização da narrativa, pois, por mais difíceis que tenham sido os eventos ficcionais, nas postagens, a sensação que se transmite é muito mais de aconchego e tranquilidade, e não de aridez, como o espaço construído na obra. Como Galli (2018) considera, o livro, e, no nosso caso, a sua composição com outros objetos na foto, enquanto “objeto fascínio” e não como “objeto material”, também é fundamental para o encantamento e prazer com a leitura, e não como mera reprodução dos sentidos.

Pensar em tais mudanças nos leva à análise de que esse deslocamento do sujeito, que antes focava em livros e discussões tão voltadas ao trabalho com o vestibular, talvez em uma tentativa inicial de atrair e manter seus seguidores, até mesmo os seus próprios alunos, evidencia a noção de uma leitura programática, com o objetivo final da aprovação no vestibular. Dessa forma, consideramos que até mesmo a concepção que se tem de literatura, nesse viés, é pragmática e intermediária, pois, como Zilberman (2012, p. 255) considera, é “Pragmática, porque o conteúdo da aprendizagem é determinado pelo que se pode ou se deve lecionar; intermediária, porque instrumento daquela aprendizagem.”

Isso é reflexo do impacto que os exames vestibulares tiveram no ensino da própria literatura, uma vez que ela passa a ser considerada sob uma perspectiva evolucionista e historiográfica, como também considera a autora. Com isso, a leitura torna-se muito mais um exercício restrito de “encontrar” no texto os estilos e características de determinado autor e/ou movimento literário do que uma possibilidade de estabelecer e encontrar ali os indícios de humanidade que podem funcionar como aproximação ou não entre os sujeitos de meios sociais e históricos distintos. A partir da noção discursiva de leitura enquanto prática social e não mera codificação, caberia questionarmo-nos muito mais em que (ou como) nos aproximamos ou nos afastamos daquela narrativa do que porque tal texto é do Romantismo ou Realismo.

Mesmo que a obra resenhada nas Figuras 03 e 04 não tenha mudado, conseguimos perceber a mudança que há na relação que o *bookstagrammer* busca construir com a narrativa de Graciliano Ramos, que, ainda que estivesse mobilizando a leitura de um clássico da literatura brasileira, a discute de maneira mais profunda no segundo momento. A relação com o vestibular se mantém, por meio da menção ao tema da redação do ENEM de 2021 e em como a leitura do livro poderia ser "útil" na argumentação sobre o tema, afinal, há, talvez, uma tentativa de ainda manter o seu público que está interessado nas leituras para o vestibular, mas percebemos que há uma preocupação maior em refletir sobre as personalidades dos personagens da obra e as dificuldades que enfrentaram em sua trajetória em melhores condições de vida.

Esses processos de identificação que percebemos começam a partir do momento em que Dylan, na legenda, informa que Fabiano é um personagem que tem dificuldade em se expressar e que sofre várias injustiças ao longo da história. Qual jovem, pensando ser esse o público majoritário do *bookstagram*, não sente dificuldade em verbalizar e expressar seus sentimentos e desejos e nunca se sentiu injustiçado na vida, tal qual Fabiano? Na verdade, que ser humano nunca se sentiu assim, como o eu-lírico do "Poema em Linha Reta," de Fernando Pessoa: "Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?"?

Quem nunca pensou que estava constantemente correndo atrás do vento ao buscar por melhores expectativas de vida, quando, na verdade, tudo parecia distante demais e novas dificuldades apareciam, como a família de Sinhá Vitória que não tinha como se defender das injustiças que enfrentavam? Ademais, quem nunca sofreu com a morte de um animal de estimação e teve que enfrentar esse luto, de maneira similar a que a família da narrativa sofre quando Baleia morre?

Todas as aproximações aos desafios e tragédias que acompanham os personagens promovem uma sensação de identificação com as próprias dificuldades que os leitores podem vivenciar em sua vida, o que nos remete a uma noção de leitura que busca a humanização e reflexão sobre a vida, pensando nas continuidades possíveis entre ficção e realidade.

Conforme Pêcheux (1990) considera, o discurso é um jogo de efeitos de sentidos construídos pelos sujeitos que ocupam espaços específicos em uma determinada formação social, na qual as relações construídas com o simbólico e imaginário são fundamentais para sua interpelação e estruturação enquanto sujeito.

Dessa forma, é fundamental considerar que, nos processos discursivos, as formações imaginárias designam os lugares “[...] que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (PÊCHEUX, 1990, p. 82), sendo válido ressaltar que essa “atribuição” de lugares e sentidos não é transparente, mas sim resultado da ilusão de um sentido único, de que o sujeito é a fonte do sentido e que tem domínio do seu discurso.

São essas formações imaginárias responsáveis pelos processos de identificação que o *bookstagrammer* busca construir. Ainda de acordo com Pêcheux (1990), há uma série de questões que atravessam imaginariamente o processo discursivo: quem sou eu para lhe falar assim? quem é ele para que eu lhe fale assim? quem sou eu para que ele me fale assim? quem é ele para que me fale assim? Dessa forma, em resposta à pergunta “Quem sou eu para lhe falar assim?”, provavelmente Dylan poderia responder: “Sou alguém que gostaria de te mostrar como as obras literárias podem nos ajudar a entender melhor a nós mesmos.” Já quando Dylan, na legenda, informa “(Graciliano, eu nunca te perdoei!)”, poderia ser perguntado: “Quem é ele (Graciliano) para que eu lhe fale assim?”, e poderia responder: “Ele é alguém que matou um personagem muito importante e querido da história, e deixo aqui a minha frustração quanto a isso”, sendo evidência também dessa concepção de leitura que visa à empatia.

Tendo em vista a mudança não apenas na abordagem de um mesmo livro, mas também na escolha de outros gêneros literários, é interessante ao menos lançar hipóteses da razão de tal mudança: será que Dylan, enquanto professor, deixou de ter o foco na produção de conteúdo visando ao ensino de uma Literatura utilitária e, conseqüentemente, sua prática profissional⁶, para os alunos em sala de aula e buscou expandir seus horizontes, refletindo sobre gêneros, especialmente da literatura juvenil, que são pouco debatidos no âmbito escolar e como eles podem ser fonte de lazer e se aproximar do dia-a-dia e dos interesses mais próximos dos alunos?

⁶ Uma questão que consideramos muito válida em nossos dias e que, recentemente, vem sendo discutida pela sociedade no geral é a “*tiktorização*” das profissões. Longe de ser uma crítica negativa, mas uma tentativa de analisar criticamente, até que ponto a atuação profissional dos professores em redes sociais não é, também, um reflexo da desvalorização em respeito, especialmente, à remuneração? Até que ponto a escolha de estar nesses ambientes digitais como uma procura pela fonte de renda não nos indica algo sobre esses profissionais, que precisam recorrer a inúmeros trabalhos para garantir e diversificar sua fonte de renda?

Tal hipótese também nos faz refletir sobre as considerações de Machado e Moreira (2020), ao exporem que a literatura juvenil contemporânea passa a dar preferência às temáticas juvenis, a partir do olhar do jovem que vivencia a complexidade dos conflitos e mudanças de perspectivas, ao invés de mobilizar o moralismo e o didatismo:

Por meio de uma linguagem mais espontânea e próxima da oralidade, haveria uma busca do prazer do leitor jovem através de uma forma expressiva e um tom mais leve, humorístico, mesmo diante de acontecimentos graves. Também há uma preocupação em abordar os meandros da vida íntima do jovem, narrando seu amadurecimento diante dos conflitos que vivencia [...] (MACHADO; SILVEIRA, 2020, p. 56)

É pensando nos diferentes gêneros literários que passaram a ser abordados no perfil que trazemos a próxima figura.

Figura 05 - Print da resenha de “Continência ao Amor”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CmXSGhevVOp/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Encontramos na Figura 05 a resenha do livro “Continência ao Amor”, de Tess Wakefield, que conta a história de um casal de jovens que finge um relacionamento amoroso para que consigam ter acesso aos benefícios militares, trabalho do protagonista. Chama nossa atenção dois aspectos: o fato do Dylan apresentar o subgênero literário *fake dating* e um livro que tem uma adaptação cinematográfica.

Sobre o primeiro aspecto, achamos interessante o fato de tal subgênero estar presente na leitura do *bookstagramer*, uma vez que, atualmente, é um tipo de narrativa bastante presente na prateleira das coleções juvenis. Esse subgênero tem como premissa básica o falso envolvimento amoroso entre dois personagens, normalmente os protagonistas, que precisam fingir um namoro para que consigam conquistar seus objetivos, sendo que o *plot*, ou seja, o momento de virada da narrativa, é exatamente quando passam a desenvolver sentimentos românticos um pelo outro. Essa construção da trama interessa muito os jovens leitores e, ao interessá-los, é possível que o professor, por exemplo, analise com seus alunos como uma estrutura parecida pode ser observada em “Senhora”, de José de Alencar, no qual Aurélia e Fernando mantêm um casamento de fachada para que Fernando tenha suas dívidas pagas por Aurélia, que controla o relacionamento também como forma de vingança ao ser abandonada por ele em anos passados, sendo que, no final, os dois passam a se amar. Através do interesse contemporâneo dos alunos pela leitura, o professor conseguiria estabelecer relações temporais e temáticas em livros produzidos em momentos distintos, percebendo aí as continuidades e diferenças entre eles e aumentando seu letramento literário.

Esse envolvimento com a leitura se dá, mais uma vez, também através da imagem do livro e das composições utilizadas na postagem, uma vez que a capa do livro, que é também a do filme, nos remete muito ao envolvimento e sentimento amorosos e românticos, que podem causar no leitor, desde o seu primeiro contato, o encantamento pela obra. Essa identificação com os sentimentos amorosos podem aproximar o leitor de uma leitura que tenha mais relação com seu cotidiano e vivências.

O segundo ponto que nos chamou foi a menção à adaptação cinematográfica do filme produzida pela Netflix, plataforma de streaming de filmes e séries.

Conforme Machado e Silveira (2020) consideram, o hibridismo dos mundos da ficção do audiovisual é reflexo também das novas práticas de leituras juvenis contemporâneas. As adaptações cinematográficas, especialmente, são cada vez mais consumidas pelos jovens que buscam, se não uma outra forma de ler o livro que não através do livro, uma nova forma de ter acesso às leituras. Ainda de acordo com Galli (2018), esses outros modos de ler e de apresentação textual demandam outras orientações de trabalho com a leitura, o que evidencia a necessidade de se pensar nas novas condições de produção e, principalmente, nas diferentes situações de interação social com a leitura.

Essas novas formas de bens culturais estão preocupadas não apenas com os valores estéticos literários, mas também com interesses mercadológicos.

Por outro lado, como fenômenos próprios da produção cultural atual, emergem formas provenientes da inter-relação entre literatura e outras mídias, com o uso de múltiplos recursos materiais, que chamam para o consumo e buscam a participação do leitor/consumidor de diferentes formas. [...] Existe, nesse sentido, um grande investimento publicitário nas redes sociais, em relação às adaptações fílmicas ou de seriados televisivos que fazem ecoar o literário contemporâneo. Fora dos circuitos escolares, o mercado tem buscado atuar como o mediador da leitura para os jovens, através de grandes corporações editoriais e da indústria cultural que atuam globalmente em prol de uma homogeneização de interesses. (MACHADO; SILVEIRA, 2020, p. 59)

Com isso, essas produções cinematográficas baseadas em livros não apenas constroem novas formas de leituras com temáticas sensíveis e interessantes aos jovens, conquistando novos leitores, como também (re)condicionam a leitura e, se cativam o leitor, fidelizam um consumidor que consumirá os produtos daquela marca. Note-se, por exemplo, os tantos elementos que são vendidos a partir de uma adaptação: desde balde de pipocas até equipamentos eletrônicos que remetem à narrativa. Evidencia-se aí a relação entre sujeito-linguagem-mundo que cada vez mais constrói relações com a ideologia, evidenciados através dos discursos, nos quais observamos a lógica capitalista sempre presente, pensando em como manter o consumo sempre constante com as novas produções culturais.

4.2. Processos de identificação e a lógica capitalista em “Li Tomando Chá”

Avançamos agora para a descrição do segundo perfil analisado, @litomandocha. Esse perfil é administrado pela Wanessa, estudante de Letras - Francês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e de Pedagogia da Faculdade das Américas (FAM). A administradora inicia sua *bio* informando a sua meta de leitura anual, a quantidade de livros lidos até então, o que mais posta em seu *feed* e seu e-mail de contato. O próprio nome de usuário, “Li Tomando Chá”, já nos remete a um imaginário de leitura: um momento bucólico, ideal para a leitura, no qual o leitor pode, acompanhado por uma xícara de chá, (re)entrar na narrativa que está à sua frente. Essa romantização do momento da leitura nos remete a um ritual que atravessa os sujeitos que praticam e aproveitam esse momento de lazer e fruição.

Porém, contrastando com esse imaginário, observamos a questão da quantificação, exposta também na bio, e interessa-nos pensar nos efeitos de sentido construídos sobre a leitura: será que é uma leitura que se aproxima de um momento de fruição ou meramente um “trabalho”, no qual é necessário cumprir com as metas estabelecidas, sob o risco de sofrer alguma advertência? Será que a exigência de ser parceira de uma grande empresa do mercado editorial brasileiro contribui para isso? Será que isso também não pode funcionar como uma estratégia de atrair mais seguidores, visto que a sua grande quantidade de livros lidos lhe garante uma chancela de leitora proficiente e que, conseqüentemente, pode estimular o mesmo em seus seguidores? Não seria isso uma evidência, mais uma vez, da lógica capitalista que promove a celeridade no contato com a leitura, aproximando-a de uma mera atividade laboral e não como atividade e prática social e humana de nos conectar com outras realidades e possibilidades de existência?

Se não contraditória, parece-nos intrigante essa menção da quantidade de livros a serem lidos, especialmente pelo fato de a *bookstagrammer* ser uma estudante do curso de Letras, ou seja, alguém que muito possivelmente tem acesso às discussões teóricas sobre as relações e práticas de leitura dentro da academia o que, conforme discutimos anteriormente, tende a se afastar de uma concepção tecnicista e utilitária, priorizando muito mais a reflexão e fruição, independente da quantidade, mas sim dos efeitos de sentido construídos a cada leitura.

Figura 06 - Print do perfil “Li tomando chá”.

litomandocha Seguindo Enviar mensagem +8 ***

90 publicações 19,5 mil seguidores 779 seguindo

Li tomando chá | bookstagram 🇧🇷 🇵🇷
 Criador(a) de conteúdo digital
 estudante de letras - ufrj | pedagogia - fam
 leitora assídua
 lidos 8/120
 livros • resenhas • rotina de estudos
 litomandocha@gmail.com

Seguido(a) por fosforoeditora

lidos 2023 cia 2023 intrin 2023 wishlist study w/ me lidos 2022 curiosidades

PUBLICAÇÕES REELS MARCADOS

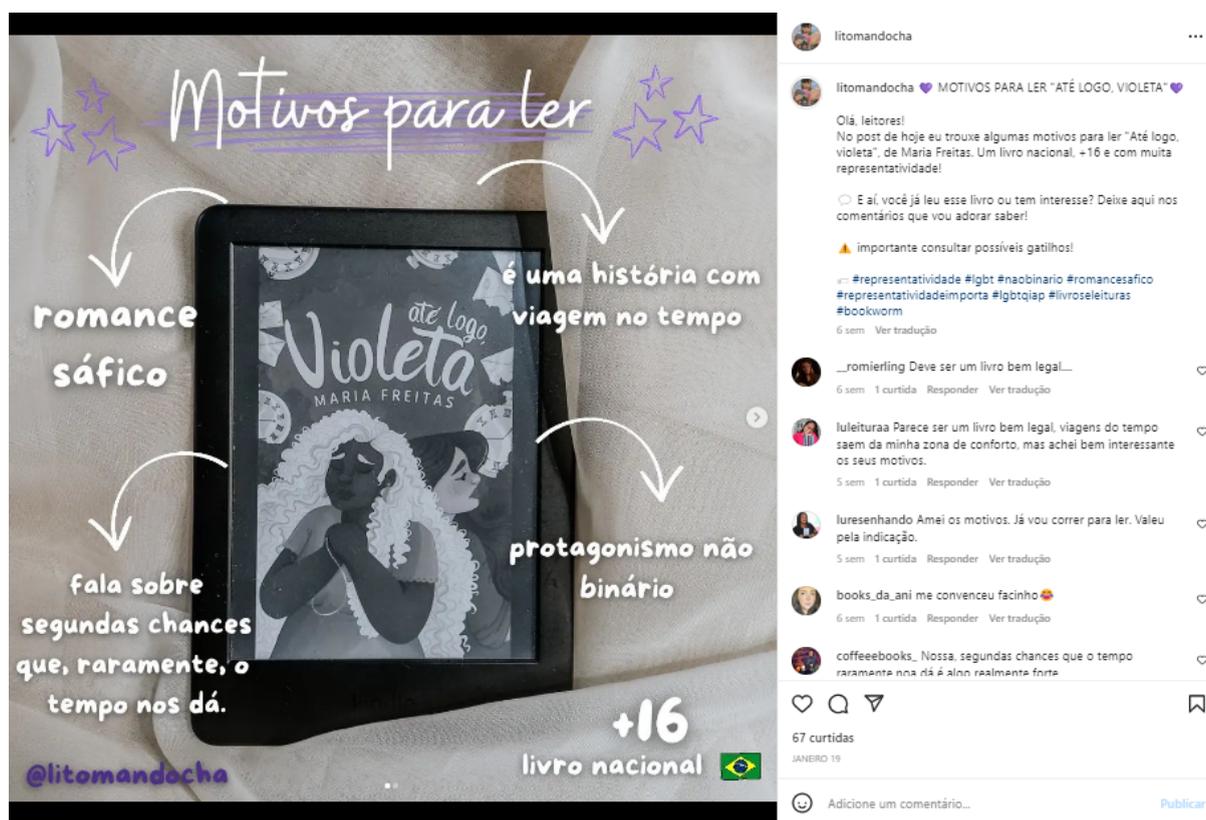
Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/litomandocha/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Ao contrário do primeiro perfil, pudemos perceber uma maior variedade nos estilos de postagens e na organização dos destaques. Em relação aos últimos, observamos algumas categorias: leituras de 2022 e 2023, registros com editoras parceiras (Intrínseca e Companhia das Letras), sua lista de desejos de livros, rotina de estudos e curiosidade sobre ela. Já no feed, notamos os seguintes padrões de postagens: *posts* com a leitura atual; resenha do livro lido; indicações temáticas de leitura (sobre a educação, sobre o dia da consciência indígena, de autoras feministas) e postagens diversas (fotos de passeios em bibliotecas, dicas sobre leitura, *unboxing*, e *book haul*). Diferentemente do perfil do Dylan, conseguimos perceber uma linearidade maior tanto nos modos de construção dos *posts* quanto nos conteúdos, sendo que desde o provável início do perfil em junho de 2020, ela

abordava literatura juvenil contemporânea, também com foco nas produções de língua inglesa.

A continuidade do perfil nos indica um planejamento de estratégia já estabelecido pela *bookstagrammer*, uma vez que a beleza da composição das imagens no feed e a relativa manutenção das temáticas a serem abordadas parecem ser fundamentais para manter os seguidores, considerando que chegam e permanecem por se identificarem com os assuntos abordados. Assim, se Dylan iniciou seu perfil tematizando sobre a leitura no vestibular e o ensino de literatura, mas mudou seu foco em determinado momento, Wanessa já se propunha a discutir a leitura de vários temas e causas sociais: indígenas, feministas, educativos, entre outros. Refletimos sobre um desses temas a partir da materialidade a seguir.

Figura 07 - Print da indicação de “Até logo, Violeta”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnnA16vvZfx/>. Acesso em 06 de março de 2023.

Ainda que o *post* da Figura 07 seja uma indicação de leitura e não uma resenha, dois aspectos nos chamaram a atenção: os motivos pelo qual ler o livro e o formato em que o livro foi lido. Sobre o primeiro, observamos que a temática envolve aspectos sobre identidade e orientação sexual, especialmente ao focar no

protagonismo não-binário, ou seja, a protagonista não se reconhece ou transita entre os dois gêneros e é um romance sáfico, um relacionamento amoroso entre duas mulheres que não necessariamente são lésbicas. Essa temática envolve discussões sobre o(s) movimento(s) LGBTQIA+, cada vez mais discutidos pela sociedade e pelos jovens, em particular e, mesmo que o leitor não participe do movimento, tem a possibilidade de se solidarizar com ele a partir de uma narrativa ficcional.

Nesse sentido, a leitura deixa de ser uma mera codificação, mas, relacionada ao contexto histórico e social atual, possibilita que conheçamos realidades que não necessariamente são as nossas, tornando-se, então, uma prática social e, se o leitor se solidariza com as dificuldades enfrentadas pela personagem pela falta de aceitação de suas identidades e orientações sexuais, também um exercício de empatia.

As temáticas abordadas na narrativa, mais inclusivas e atentas aos discursos sobre orientação e identidade sexual, ganham ainda mais visibilidade e espaço para discussão e troca. As redes sociais digitais ampliam esses espaços para trazer à tona tais temáticas, considerando especialmente a grande circulação e alcance das postagens no *Instagram*, através do rápido e fácil compartilhamento, algo que não aconteceria da mesma maneira se o livro fosse exposto em uma prateleira de uma livraria, por exemplo. Ainda que na postagem percebamos que os comentários são de apoio e interesse pelo tema, é importante destacar que o acesso às temáticas e seus debates não é garantia da identificação do leitor com tais causas sociais, ou seja, os movimentos de desidentificação e/ou contraidentificação são movimentos possíveis.

As hashtags, por exemplo, são elementos fundamentais na análise discursiva para compreender como podem agregar discursos que circulam nas mídias sociais digitais, funcionando também como uma amostra de tomada de posição e como potencializadoras e impulsionadoras de discursos e ideologias, como considera Santana (2023). Exemplo disso é a “#representatividadeimporta”, hashtag presente na postagem, que marca a importância, para a *bookstagrammer*, de que obras com temáticas sobre as causas LGBTQIA+ sejam lidas, afinal, são causas que existem e devem estar presentes na sociedade.

Um dos comentários feitos nesta postagem pelo perfil “@filmserieselivros” contribuiu para nossas considerações, ao dizer que: “Fiquei curiosa, ainda não li nenhum livro com personagens não binário e com romance sáfico.”, ou seja, foi através da indicação de leitura feita pelo perfil que outra seguidora pôde ter acesso a uma leitura com temas que até então não tinha tido contato. A interpelação ideológica dos sujeitos é fundamental para compreendermos como os processos de identificação afetam e são afetados pelas posições-sujeito, e como a leitura é fundamental nesse processo de identificação com debates e causas sociais que, se a princípio são rechaçadas e discriminadas, podem funcionar como importante debate político de representatividade de minorias.

Isso corrobora com as clássicas, mas sempre assertivas, considerações de Candido (2011) de que a literatura - o sonho acordado das civilizações- é fundamental para nossa humanização, fundamental para o equilíbrio social.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos como essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo [...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 182)

Essa literatura, se evidência também da complexidade humana, é essencial para a sociedade não ao oferecer as respostas, mas sim ao suscitar as perguntas e dar a conhecer as realidades que não são minhas. De acordo com Eco (2003), a boa literatura é mimética tal qual as incertezas da vida e a certeza da mudança. O livro indicado pelo perfil, por exemplo, também indica a leitura ao tematizar “as segundas chances que, raramente, o tempo nos dá”, o que indica a complexidade da vida mediante às mudanças.

O segundo aspecto que nos chama a atenção é a utilização do e-book para a leitura do livro, utilizando como suporte o Kindle, e-reader criado pela empresa norte-americana Amazon e que possibilita a leitura portátil de vários formatos de textos, como *e-pub*, *pdf*, entre outros. Se no início do surgimento desses novos equipamentos muito temeu-se pelo desaparecimento dos livros físicos, hoje esse medo já não é realista, considerando que versões físicas e digitais continuam circulando entre nós, mas, dessa vez, com a facilidade e praticidade de carregar na

palma da sua mão, em um aparelho pequeno e fácil de utilizar e transportar, milhares de livros⁷, algo que não seria possível sem tais aparatos tecnológicos. Vale salientar que, ainda que seja uma possibilidade, os e-readers ainda não são acessíveis para a grande maioria das pessoas, considerando o alto custo não apenas do produto, mas também dos *ebooks*.

Esses novos formatos de livros também evidenciam as relações entre sujeito-linguagem-mundo e também transformam as práticas de leitura, pois, se com um livro físico a linearidade era uma obrigação, hoje em dia o mesmo não acontece, sendo possível que o leitor, ao clicar na palavra, tenha acesso à tradução dela ou à outras informações que ampliam o horizonte em relação à palavra e à história (como costuma acontecer nas notas explicativas).

Inegavelmente, tais práticas de leitura e as atividades de seu partilhamento vêm se modificando em função da cultura digital e dos tentáculos de uma visão mercadológica. Se a leitura de livros já prescindiu do suporte do códice, que atravessou tantos séculos, é porque tablets, e-readers e, mesmo, celulares se constituíram como novos artefatos de veiculação de obras, com outras características e, mesmo, outra abrangência de obras. Por outro lado, a emergência da literatura digital, produzida especificamente para o meio virtual, contando com recursos multimodais e outras estratégias similares a games, veio tensionar a própria conceituação do literário. (MACHADO; SILVEIRA, 2020, p. 62).

Tal discussão entra em consonância com as reflexões de Galli (2012) sobre a leitura na contemporaneidade. Ainda que aqui abordemos um aparelho específico para a leitura, Kindle, e a autora baseie sua pesquisa em suportes tecnológicos digitais, como internet e celular de maneira mais ampla, é interessante refletir se e como as práticas de leitura se mantêm ou se modificam, assim como a identidade do leitor.

Numa mistura de procedimentos distintos e possíveis, tanto no texto-papel quanto no texto-tela - ler, procurar, selecionar, pesquisar, passear, pular -, o mesmo e o diferente parecem se mesclar, transformando a ação de percorrer com a vista (ler), a vontade de encontrar algo (procurar, pesquisar), de escolher (selecionar), com a ação de entreter-se (passear - uma leitura aleatória, sem compromisso, sem objetivos). (GALLI, 2012)

⁷ Não podemos refletir profundamente sobre como a pirataria também aumentou com o surgimento dos formatos digitais dos livros, prejudicando os autores e o mercado editorial, mas acreditamos ser essa uma temática muito necessária e fundamental para discussão em nossa sociedade.

Não é nosso papel aqui valorar as experiências construídas entre leitores e suas formas de leituras, mas sim atestar que essa é uma realidade conhecida e acessada pelos jovens. Como consideram Machado e Silveira (2020), compreender as práticas de leitura de um determinado contexto é entender as relações que existem entre os sujeitos que participam de uma sociedade, como leitores, autores e os mercados editoriais e culturais, cada um com suas complexidades e especificidades.

Figura 08 - Print da postagem “Termos/ gírias literária”.



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cjnk4wQrqMq/> Acesso em 21 de março de 2023.

A postagem da Figura 08 pode ser comparada a um glossário de termos literários, no qual a Wanessa apresenta algumas palavras e expressões muito utilizadas nos *bookstagram*s, que, como a própria legenda explica, remetem às várias situações dentro da literatura, além de serem, majoritariamente, termos em inglês, uma vez que são criados em outros países e passam a ser utilizados no Brasil. A postagem apresenta alguns, como: *quote*, *ressaca literária*, *sentada*, *ship*, *spin off*, *spoiler*, *prequel*, *crossover*, *companion*, *to be read (TBR)*, *wishlist*, *leitura*

coletiva/ conjunta (LC), sprint, plot twist, bookstan, unboxing, book haul, bookshelf tour, hype, fanfic e one true paring (OTP).

A explicação de tais termos, em algo muito parecido a uma coleção de vocábulos, evidencia o quão particulares são as relações entre os leitores que circulam nas redes sociais, visto que há uma série de palavras compartilhadas e utilizadas por um público leitor que difere da imagem do leitor solitário e recluso. Não são apenas palavras compartilhadas, mas principalmente uma identificação com outros sujeitos leitores com interesses e hábitos semelhantes, uma vez que os termos explicados na postagem não dizem respeito apenas a subgêneros literários específicos, como *spin off, prequel, fanfic ou crossover*, mas também a uma rotina ou hábitos de leitura específicos e influenciados diretamente pelas tecnologias digitais, como *book haul, unboxing e sprint*.

Evidência disso são os vários comentários presentes da postagem acima, nos quais muitos usuários comentam que não conheciam essas palavras ao entrar para o “mundo do *bookstagram*”, mas que teria sido muito importante se conhecessem antes. Isso evidencia de que forma a leitura, em uma perspectiva discursiva, é a constante produção de sentidos, o que envolve também não apenas os aspectos literários, pois mais do que apenas decodificar as frases e palavras de determinada obra, é fundamental que o leitor também seja capaz de se integrar e participar da comunidade para que possa discutir a leitura com seus pares.

Ainda assim, outro aspecto que nos chama atenção são os termos relacionados à posse de livros, como “*wishlist*” (lista de desejos de livros a serem comprados), “*unboxing*” (ato de retirar os livros comprados ou recebidos da caixa), “*book haul*” (apresentação dos livros comprados ou recebidos) e “*bookshelf tour*” (apresentação dos livros que a pessoa tem e como os organiza na prateleira), retomando-nos à lógica do capital, que também estabelece relações comerciais com a leitura. Considerando que essas palavras são frequentemente utilizadas pela comunidade de *bookstagrammers* e que algumas dessas práticas são muito comuns no perfil analisado, como o “*unboxing*” e o “*book haul*”, cabe a reflexão: afinal, a leitura é importante para que sentidos sejam construídos e relações sejam estabelecidas entre a narrativa e realidade ou a leitura é mero pretexto para a posse e exibição do “objeto material” livro?

Além disso, a própria noção de leitura como atividade prazerosa e não como “meta” é colocada em xeque quando observamos os conceitos de “sentada” (o livro

ser lido de maneira rápida) e “*sprint*” (tempo dedicado apenas para a leitura), especialmente este último, que se origina do *Scrum*, metodologia que visa à agilidade e gerenciamento de tarefas. O que é uma “leitura rápida”? Por que ela deveria ser rápida? Será que não há nenhum prejuízo nas construções de sentido realizadas dessa maneira? Por que tentar tornar mais ágil uma atividade tão complexa quanto a leitura que deveria ter seu momento de pausa e reflexão?

Novamente, entram em jogo as próprias identificações que a *bookstagrammers* busca construir com seus seguidores, no intuito de atraí-los e mantê-los, dessa vez através de palavras em comum que circulam na comunidade de leitores nos espaços digitais, mas que também deixam entrever o quão enraizadas estão as práticas capitalistas de consumo relacionadas à leitura.

5. PARA TENTAR CONCLUIR

Este trabalho analisou materialidades de dois perfis do *Instagram* conhecidos como *bookstagrans*, que tem o objetivo de compartilhar e divulgar as leituras realizadas, além de abordar outros conteúdos relacionados a livros e leitura. Por funcionarem em uma rede social, observamos condições de produção dos discursos bastante específicas aos ambientes digitais, nos quais é possível analisar de que forma se relacionam os conceitos teóricos da análise do discurso francesa. Ao pensar a leitura sob uma perspectiva discursiva, buscamos analisar como tal noção funciona em cada um desses espaços, sendo que, uma vez que os *bookstagrammers* são indivíduos interpelados de maneiras distintas pela ideologia, observamos funcionamentos diferentes em cada um dos perfis, ainda que os dois compartilhem aspectos profissionais, uma vez que Dylan é professor português e Wanessa é estudante de Letras.

No perfil “Dylan Ferraz”, observamos certo deslocamento na posição-sujeito do professor e produtor de conteúdo que, se inicialmente focava suas considerações para a leitura utilitária visando principalmente aos exames vestibulares, apresentando majoritariamente obras do cânone literário, passou a se afastar dessa concepção gradualmente, ao debater mais aspectos sociais das obras lidas, pensando em como os seguidores poderiam se identificar com os personagens e com a narrativa. Ademais, observamos também como o deslocamento na posição-sujeito impactou a escolha das obras, ao contemplar

gêneros literários mais próximos às realidades dos jovens, como o *fake dating*, bem como a construção visual das imagens postadas, que envolvem seu seguidor antes mesmo da leitura da narrativa. O livro passa a ser fundamental para os efeitos de sentido construídos entre leitor e leitura, que, se antes era considerada como mera ferramenta, passa a funcionar como processo de identificação.

Já no perfil “Li Tomando Chá”, percebemos uma variedade maior de temáticas abordadas, mais inclusivas e menos clássicas, como as causas LGBTQIA+, promovendo uma identificação maior com causas sociais que ganham ainda mais amplitude de discussão nas redes sociais. Ainda assim, foi possível analisar que, em determinados aspectos, a noção de leitura que é discursivizada no referido perfil deixa entrever uma lógica capitalista que associa a leitura ao consumo de livros e a uma leitura rápida e ágil, bem aos moldes das exigências do mercado, mesmo que a questão mercadológica seja agenciada de maneira diferente nos dois perfis analisados.

Dessa forma, compreendemos como as noções de leitura estão diretamente relacionadas à interpelação ideológica do sujeito e construídas em contextos sócio-históricos específicos, diretamente ligadas às novas tecnologias aos quais os leitores têm acesso, pois também afetam e são afetados pelas relações entre sujeito, língua e história, funcionando de maneira específica em cada contexto de produção dos perfis selecionados.

Assim, cabe ao professor, em sua prática docente, buscar expandir os horizontes de leitura aos seus alunos, apresentando-lhes e incentivando não apenas a leitura e contato com os livros pertencentes ao cânone, mas também de livros próximos às realidades dos discentes, seja pelos temas e abordagens seja pelas várias formas de ler, como as versões digitais ou físicas da obra. É fundamental não haver valorização da leitura em sala de aula, ou seja, não superestimar determinada leitura ou estratégia/ forma de ler em detrimento de outra, pois são várias as razões e as formas pelas quais ler.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, P. P. **Bookstagrammers e sua influência no consumo de livros e objetos literários**. 2017. 66 f. Monografia. (Comunicação Social- Produção Editorial). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. pp. 171-193.

CATANHO, C. **Bookstagram: uma nova forma de cativar leitores: os casos dos Estados Unidos da América e Portugal**. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/44139>. Acesso em 06 de março de 2023.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, C. P. **Sujeito Digital: sentidos de um novo paradigma**. In: GUIMARÃES, E. (Org.). Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 anos de história. 1ed. Campinas: Labeurb, 2013, v. 1, p. 44-64.

DUARTE, A. R. R. G. **Leitura e internet: o uso das redes sociais online pelos leitores**. 2020. 56 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação). Lisboa: Iscte, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/20980>. Acesso em 27 abril 2021.

ECO, U. Sobre algumas funções da literatura. IN: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003. pp. 9-21.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-38.

GALLI, F. C. S. Discursos sobre a leitura na contemporaneidade: entre o texto-papel e o texto-tela. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, n(51.1): 175-192, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132012000100009>. Acesso em 21 de março de 2023.

GALLI, F. C. S. Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.18, n.1, p. 201-218, jan./jun. 2015.

GALLI, F. C. S.; GARCIA, D. A. Prática leitora e suas discursividades: formações imaginárias e memória discursiva. **Raído**, Dourados, MS, v.9 , n.19, número especial, pp. 115-127, 2015.

GALLI, F. C. S. Redes discursivas: leitura, livros e literatura. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Temática [Discurso, arte e literatura – Parte II], Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 17, p. 185-197, jul. - dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol17pagina185a19>. Acesso em 15 abril 2023.

GRIGOLETTO, E.; GALLI, F.C.S. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência? IN: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (orgs). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 235-252.

INDURSKY, F. **Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?**, 2005. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª edição, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 21 fev. 2023.

LAGAZZI, S. M. Trajetos do sujeito na composição fílmica. In: FLORES, G.; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; PFEIFFER, C.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. 1 ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 3, p. 23-39.

MACHADO, P. A.; SILVEIRA, R. M. H. Novas práticas juvenis de leitura- cultura digital e formas de apropriação. **Interdisciplinar**. São Cristóvão, UFS, v. 33, pp. 48-67, jan-jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47250/intrell.v33i1.14176>. Acesso em 06 de março de 2023.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez; Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, E. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas : Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 43-52.

RECUERO, R. **A nova revolução: as redes são as mensagens**, 2011. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>. Acesso em: 30 abril 2021.

RECUERO, R. **Engajamento Social: O fim dos likes do Instagram e a necessidade de novas métricas.** Jul 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/engajamento-social-o-fim-dos-likes-do-instagram-e-a-necessidade-de-novas-m%C3%A9tricas-56749c2e806>. Acesso em: 30 abril 2021.

SANTANA, M. M. S. **Ousar se revoltar: gestos de resistência de mulheres negras ao discurso racista no Instagram.** 2023. 96 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

SILVA, P. I. R. Dinâmicas comunicacionais na vida cotidiana – Instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar pra se ver. In: **XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE**, 2012, Ouro Preto. Artigo Científico. Ouro Preto: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

WANDERLEY, R. de K. K. **Da inspiração à interpelação: o discurso fitness no Instagram.** 2020. 260 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

AGRADECIMENTOS

Em tempos de finalização de ciclos, confesso que sou terrivelmente nostálgica. Agradecer é, antes de tudo, (re)lembrar, e toda a trajetória até aqui foi muito especial, ainda que seja apenas o primeiro degrau da grande escada que ainda quero subir. Começo então pelo principal. Jeová, muito obrigada pela vida e pela oportunidade de viver tudo isso. Pelas pessoas, pelos desafios, pelas alegrias, por tudo. Eu com certeza tenho recebido muito mais do que mereço.

Aos meus pais, Eliana e Ricardo, dedico esse trabalho como uma simples retribuição por tudo que fizeram por e para mim durante toda uma vida, sem nunca pedir nada em troca. Sempre me mostraram, pelo exemplo, o tipo de pessoa que eu quero ser, e sempre me ensinaram a colocar as coisas certas em primeiro lugar. Obrigada pelos princípios, obrigada pelos bons colégios, obrigada pelos conselhos, obrigada pelo carinho e obrigada pelas broncas: elas me mostraram o que de fato importa na vida. Se sou alguém e se tenho alguma coisa, é por causa de vocês. Fábio, meu irmão, obrigada por também ser a leveza que eu preciso na minha vida e por sempre me motivar a ser alguém melhor. Meus queridos avós, Ivo, Stella e Cidinha (*in memoriam*), cada um de vocês, à sua maneira, cuidou e acreditou em mim de maneiras inimagináveis. Meus tios, Cida, Wilder, Joana, Rubens, Diná, João, vocês me apoiaram e incentivaram mais do que pensam. Meu tantos e queridos primos, vocês foram exemplos fantásticos de pessoas e pesquisadores que sempre me deram o norte a seguir, mesmo que fisicamente distantes. Amo vocês.

Às minhas amigas de fora da faculdade, o carinho e amor é impossível de descrever. Todos vocês foram e são fundamentais na minha trajetória, e é

impossível descrever o quanto sou grata a Jeová Deus por ter vocês em minha vida. Obrigada pelos ouvidos atentos, pelos abraços sinceros, pelos risos constantes e pelas sessões de cinema que eram tudo o que eu precisava para descansar e colocar a cabeça no lugar. Vocês, mesmo sem saber, me ajudaram mais do que podem imaginar. Ter amizades como vocês é uma dádiva que eu sempre quero merecer. Especialmente, Camila, Júlia e Bruna: vocês foram as palavras que eu precisava ouvir, os abraços que eu precisava sentir e as músicas que eu precisava escutar. Vocês têm sido a maior e melhor compreensão que eu poderia descrever.

Aos meus amigos da/ na graduação, maravilhosos, tal qual o nome do nosso grupo, que sempre estiveram lá, nos momentos fáceis e difíceis. Aline Milena, Carolina Pedrosa, Gabrielly Kesia, Bruna Estrela, Kelly Santos, Márcio Allan, Thalyta Reis, Caio Campos, Altieres Campelo, Luciana, Daniel, Filipe e tantos outros e outras que compartilharam comigo as alegrias e as tristezas do percurso na graduação. Os milhos de dois reais, os desesperos antes das provas, as alegrias de uma sexta à noite, os perrengues tecnológicos no EAD e, mais recentemente, as preocupações com concursos: todos esses momentos facilitaram a trajetória e me mostraram o privilégio que é compartilhar a vida com pessoas como vocês.

Aos meus professores, que me acolheram e muito pacientemente me deram os rumos que eu precisava. Siane Góis, por ter sido o norte e o carinho logo no primeiro período da faculdade. Suzana Cortez, por ter me mostrado a junção de elegância e competência em uma sala de aula. Eduardo França, por acreditar no meu potencial e sempre me incentivar a enxergar e ir além. Márcia Cavalcante, pelo companheirismo e criatividade de sempre, que mesmo nos momentos mais difíceis, nunca soltou da minha mão.

À minha orientadora, Fernanda Galli, que, desde o PIBIC, me acolheu com atenção e gentileza ímpares. Sua paciência, sabedoria e habilidade sempre me conduziram nos rumos mais certos e qualificados, e as palavras não são suficientes para demonstrar o tamanho da gratidão e carinho que tenho por você. Obrigada por tudo!

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que esse trabalho se construísse, meu muito obrigada. A vida é boa, mas é muito melhor com vocês.